

# Judeus no Brasil: histórias trançadas

---

1º Subsolo



# A LIBERDADE NO BRASIL HOLANDÊS



A conquista do Recife pelos holandeses, em 1630, iniciou um período curto, porém importante, na história do judaísmo no país. Devido à liberdade de fé concedida pelo governo holandês calvinista, chegaram ao Brasil diversos judeus de origem portuguesa e espanhola que, fugidos da Península Ibérica, haviam se fixado em Amsterdã e em outras cidades onde não havia Inquisição. Eles constituíam uma comunidade culturalmente única, que ficou conhecida como a “nação dos judeus portugueses”. Foram eles, que muitas vezes tinham laços familiares e até comerciais com cristãos-novos do Brasil, que compuseram a primeira comunidade judaica e construíram a primeira sinagoga oficial das Américas, em 1636, no Recife. Ela se chamava Tsur Israel e congregava quase todos os judeus do Nordeste holandês.

Em 1654, os portugueses reconquistaram o Recife. Todos os judeus que assim desejaram puderam retornar em segurança à Holanda. Já os que permaneceram em solo brasileiro tiveram de se converter ou voltar ao catolicismo, tornando-se alvo dos inquisidores.

## Judeus no Pernambuco holandês

No Brasil holandês, os judeus foram senhores de engenho, plantadores de cana, artesãos, médicos, advogados e até soldados. Foi o comércio de açúcar e de escravos a atividade que mais os envolveu.

Além do Recife, eles se instalaram em outras regiões sob domínio holandês, como Paraíba ou Penedo de São Francisco (atual Penedo, AL). Como mascates, percorriam longas distâncias, penetrando no sertão para vender bacalhau, vinho e tecidos.

## Jarros da Companhia das Índias Ocidentais

Maurício de Nassau, representando a Companhia das Índias Ocidentais, governou a colônia holandesa no nordeste do Brasil por 8 anos e trouxe em sua comitiva cientistas, teólogos, arquitetos, médicos e pintores. Ele foi o responsável pelo desenvolvimento do comércio da região e pela recuperação da economia açucareira.



## Expulsão dos Holandeses

Após a expulsão dos holandeses, em 1654, cerca de 600 judeus deixaram o Recife desejosos de voltar para a Holanda, porém um dos navios da frota se desviou, devido a uma tempestade. Resgatados, eles foram levados para a Jamaica.

Graças à intervenção do governo holandês, 23 dessas pessoas, entre elas crianças nascidas no Brasil, seguiram para Nova Amsterdã, atual Nova York, então um mero entreposto comercial da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Ali formaram a primeira comunidade judaica da América do Norte, onde construíram a Sinagoga Portuguesa e Espanhola (1655) e um cemitério (1656).

## JUDEUS NA MAIOR FLORESTA TROPICAL DO MUNDO



Nos anos 1820, jovens marroquinos de origem sefaradita chegaram ao Brasil. Movidos principalmente pela guerra entre Espanha e Marrocos, alguns partem para o Rio de Janeiro e Salvador, mas é em Belém do Pará que se instalam as primeiras comunidades judaicas organizadas do Brasil desde o período holandês no Nordeste. Dali se espalham rapidamente pelo interior da Amazônia, chegando a Manaus e ao Acre.

Esses imigrantes marroquinos atuavam como comerciantes ligados à extração e ao comércio da borracha, e como fazendeiros. Alguns voltaram ao Marrocos com a nacionalidade brasileira, pois ela lhes dava segurança, enquanto outros se estabeleceram por toda a Amazônia.

Isaac Athias é um garoto judeu que rema pelos igarapés amazônicos em uma canoa junto com seus oito irmãos para ir à escola. Sua família vive no coração da floresta, próximo ao município de Breves. O pai de Isaac dirige o serviço religioso da comunidade local e as festas judaicas são celebradas num barracão, que reúne até cem pessoas. A história das famílias de Isaac Athias e de outras comunidades de judeus amazônicos se cruza com o desenvolvimento do Ciclo da Borracha, a partir de 1879.

### O "santo judeu"

O Rabino Shalom Emanuel Moyal deixa o Marrocos e desembarca na Amazônia em 1908. Com a tarefa de orientar a crescente comunidade judaica de Manaus e Belém do Pará, o Rabino falece 2 anos após sua chegada, possivelmente vítima de febre amarela, mas fica conhecido pela comunidade católica como santo milagreiro. É enterrado em um cemitério cristão, pois não havia ainda em Manaus um cemitério israelita. O túmulo do 'santo judeu', como é conhecido, até hoje funciona como ponto de peregrinação.

# AGRICULTURA E JUDAÍSMO NOS PAMPAS



Em 1904, um grupo de 37 famílias judaicas da Bessarábia, antiga região da Europa Oriental, chegou a Pinhal, interior do Rio Grande do Sul, para fundar a colônia agrícola de Philippon, estabelecida pela Jewish Colonization Association (JCA). Em 1908, a colônia era formada por 299 moradores. Esse é o marco da imigração judaica organizada no Brasil no século XX, história semelhante à de outras levas imigratórias que, ao longo dos séculos XIX e XX, passaram a viver e trabalhar em colônias agrícolas ou em fazendas.

Em 1912, instalou-se uma segunda colônia agrícola judaica, a Quatro Irmãos, no município de Passo Fundo, que manteria quatro núcleos: Quatro Irmãos, Baroneza Clara, Barão Hirsch e Rio Padre.

A JCA foi fundada em Londres em 1891, para desenvolver projetos agrícolas na Europa Oriental e no Império Russo. Com a emigração em massa, a instituição fundou colônias agrícolas fora da Europa. Na Argentina, onde a primeira colônia estabelecida foi a de Moisesville em 1893, a JCA assentou cerca de 20 mil agricultores.

Os judeus que aqui chegaram receberam lotes de terra, uma casa, alguns bois, vacas, cavalos, uma carroça, um arado e sementes, além de um valor em dinheiro a ser pago de volta à JCA em até 20 anos. Nessas colônias há normalmente uma sinagoga, que é também o local das celebrações das festas.

Após poucos anos, os egressos das colônias, atraídos pelas oportunidades de trabalho e de estudo e pela vida nas cidades, participaram da fundação de pequenas comunidades em locais como Santa Maria, Pelotas, Rio Grande, Passo Fundo, Erechim, Erebangó, Cruz Alta e Uruguaiana.



## Colônia Philippon

Na colônia de Philippon funda-se, em 1906, a primeira escola judaica brasileira do século XX, que conta com o professor Leon Back, trazido de Paris. Na mesma época as colônias de Philippon e de Quatro Irmãos não se mostram férteis para plantação. Sua principal atividade econômica passa a ser a exploração de madeira, utilizada como combustível nas locomotivas e como dormentes dos trilhos de trem.

A madeira ali extraída movimentava os negócios de Franz Philippon, que além de vice-diretor da JCA é também presidente da Compagnie Auxiliaire des Chemins de Ferrau Brésil, proprietária das linhas férreas no entorno das colônias agrícolas.

# FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES JUDAICAS



A partir do processo imigratório iniciado principalmente na década de 1910 e intensificado nos anos 1920 e 1930, os judeus se estabeleceram em dez capitais e em dezenas de outras cidades, em diversos estados brasileiros. Os imigrantes organizaram-se em comunidade, a partir da fundação de sinagogas, centros comunitários, escolas, cemitérios, entidades assistenciais, cooperativas de crédito, clubes de esporte e lazer, movimentos culturais e políticos, além de organizações específicas de mulheres. Essas entidades formaram a base da vida judaica no país.

Viver em comunidade atendia à manutenção e à perpetuação dos vínculos de identidade, ao mesmo tempo que assegurava condições mínimas de vida em uma sociedade com pouca presença do Estado nas áreas da assistência social, educação e saúde.

## Caminhos da Estrada de Ferro

Na década de 1910, imigrantes começaram a se fixar no interior do estado de São Paulo, onde fundaram pequenas comunidades, especialmente em torno do comércio estabelecido no eixo urbano das ferrovias que serviam à economia do café. Isso ocorreu em localidades como São Caetano, Santo André, São José dos Campos, Mogi das Cruzes, Sorocaba, Jundiaí, Campinas, Piracicaba, Taubaté, São Carlos, Ribeirão Preto e Franca.

## Bom retiro: o pequeno "Shtetl"

O principal núcleo histórico e demográfico da comunidade judaica na cidade de São Paulo foi o bairro do Bom Retiro, próximo à Estação da Luz, da antiga Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, eixo central da economia paulista e ponto de chegada dos trens que viajavam do porto de Santos e subiam a Serra do Mar rumo à capital paulista. Os imigrantes chamavam o Bom Retiro de “pequeno *shtetl*”, alusão aos pequenos vilarejos de origem, no interior da Europa Oriental, nos quais eles eram parcela importante da população.

## OFÍCIOS PARA UMA NOVA VIDA



O trabalho era a primeira e principal preocupação de cada imigrante ao chegar. Homens e mulheres precisavam se inserir na economia da cidade. O país se urbanizava a passos rápidos e cidades como São Paulo atraíam com oportunidades de trabalho, pequenos negócios e possibilidade de mobilidade social. Aos poucos os imigrantes estabeleceram suas lojas e pequenas fábricas, e seus filhos dedicaram-se aos mais diversos setores da economia e às profissões liberais, entre outras ocupações.

Uma parcela dos imigrantes trabalhava como artesãos, em ofícios tais como alfaiate, costureira, sapateiro e chapeleiro. Aos poucos, os imigrantes estabeleceram também lojas e pequenas fábricas.

### As Polacas

No final do século XIX, as cidades do Rio de Janeiro, de Santos, São Paulo e Manaus conheceram a atividade de mulheres judias imigrantes que se voltaram à prostituição. Chamadas de "polacas", embora nem todas fossem polonesas, eram exploradas por uma rede de cafetões em um tráfico de "mulheres brancas". Excluídas das instituições da comunidade judaica, aos poucos elas se organizaram em entidades assistenciais, que mantiveram sinagoga e cemitério próprios, afirmando publicamente sua condição cultural e religiosa. Em São Paulo fundaram, em 1924, a Sociedade Religiosa e Beneficente Israelita Feminina e logo depois o Cemitério Israelita de Santana, além de uma sinagoga no Bom Retiro. No Rio de Janeiro, a Associação Beneficente Funerária e Religiosa Israelita, estabelecida em 1906, manteve o Cemitério de Inhaúma. Em Santos, a Sociedade Religiosa e Beneficente Israelita foi criada junto com um cemitério em Cubatão.

### Atividades Políticas e Culturais

Os imigrantes judeus que vieram da Europa trouxeram em sua bagagem ideias e ideais de partidos e movimentos políticos dos mais variados matizes. O judaísmo se inseriu, assim, na corrente das ideias e dos movimentos que estavam transformando a política, a cultura e a sociedade.

Em São Paulo, o programa judaico de rádio, "Hora Israelita", depois "Programa Mosaico", estreou em 1940. Na televisão, o "Mosaico na TV – Panorama da Coletividade Israelita na Vida Brasileira" estreou em 1961 na TV Excelsior, Canal 9, consolidando uma voz judaica nos meios de comunicação de massa.

# LEMBRAR E NÃO ESQUECER



Lembrar e não esquecer são duas ações que se relacionam com atos e fatos do passado. Lembrar, no entanto, denota uma memória viva e consciente, enquanto não esquecer aponta para uma memória passiva.

Lembrar toda forma de preconceito sofrido é caminho para não praticar quaisquer formas de discriminação. Somente assim, exercendo a lembrança, é que a memória virá a se tornar uma ferramenta para o respeito à diversidade, para a construção de uma humanidade mais justa, mais consciente e sensível em relação ao outro e à suas diferenças.

Por meio da memória do Holocausto, procura-se lembrar das diferentes formas de manifestação do preconceito, que geram massacres, genocídios, exclusão social e econômica, aprisionamento, escravidão e usurpação de direitos. Essa lembrança reforça a necessidade de preservação da democracia, das liberdades civis e dos direitos humanos.



# O BRASIL NO CONTEXTO DA ASCENSÃO DO FASCISMO NA EUROPA



Getúlio Vargas, político gaúcho, chegou à Presidência do país com a Revolução de 1930, colocando fim ao período conhecido como República Velha. Até o final do seu governo, em 1945, teve uma atuação ditatorial e antidemocrática; no entanto, implementou políticas modernizantes de organização do Estado e de desenvolvimento econômico e social, além de promulgar o primeiro conjunto de leis trabalhistas do país – a CLT.

Em 1937 teve início o Estado Novo, a partir de um golpe imposto pelo próprio Getúlio Vargas, sob o pretexto de que era preciso combater o secreto “Plano Cohen” de tomada de poder. O nome “Cohen” evocava uma suposta associação do judaísmo com uma ameaça comunista.

Durante o Estado Novo, o nacionalismo exacerbou-se e foram decretadas leis que restringiram a imigração; circulares secretas impediram a entrada de judeus no Brasil e foi proibido falar e publicar jornais em línguas estrangeiras.

Imigrantes judeus alemães, refugiados da Alemanha nazista, chegaram a São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre a partir de 1933, ano da ascensão do nazismo ao poder. Dos cerca de 300 mil que emigraram até 1939, no início da Segunda Guerra Mundial, cerca de 5% tiveram como destino o Brasil.

Quando os primeiros 150 chegaram a São Paulo, em 1933, foi criada a Comissão de Assistência aos Refugiados Israelitas da Alemanha (Caria). Em 1936, ano em que imigraram mais 1.127 dessas pessoas, foi fundada a Congregação Israelita Paulista (CIP). Vieram também dezenas de famílias da Itália e da Áustria.

Após 1942, com a declaração de guerra do Brasil ao Eixo (Alemanha, Itália e Japão), os imigrantes alemães – judeus e não judeus –, italianos e japoneses viveram um drama particular: o de ser refugiados de países contra os quais o Brasil estava em guerra.



# A ERA DO FASCISMO, INTEGRALISMO E ANTISSEMITISMO NO BRASIL



O fascismo e o nazismo foram ideologias adotadas por movimentos, partidos e governos, principalmente no período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, a partir de Benito Mussolini na Itália, em 1922, e na Alemanha nazista em 1933 – atacavam e destruíam a democracia, o parlamento, os partidos, as organizações da sociedade civil, identificando ordem com totalitarismo, abolindo qualquer tipo de liberdade civil e política e criando as figuras do “inimigo interno” e “inimigo externo”.

Ecoando o preconceito dos partidos fascistas que acabaram por se espalhar também em outros países na Europa, o antissemitismo foi um importante instrumento de mobilização integralista no Brasil. No país funcionaram também núcleos do partido nazista alemão, mas eles tiveram menor adesão e expressão que a Ação Integralista Brasileira (AIB), um movimento e partido de inspiração fascista que existiu entre 1932 e 1937, tendo como principais líderes Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale.

## O BRASIL ENTRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Após o ataque do Japão à base naval de Pearl Harbor, em 1942, o Brasil alinhou-se à política dos Estados Unidos e dos Aliados (França, Inglaterra, EUA e, posteriormente, URSS). Com essa decisão, o país passou a participar da Segunda Guerra Mundial. Em retaliação, submarinos da Alemanha atacaram a costa brasileira e afundaram 36 navios mercantes, provocando a morte de mais de mil pessoas.

A adesão do Brasil aos Aliados envolveu uma negociação vital à autonomia industrial, como o apoio à usina siderúrgica de Volta Redonda e a compra de equipamentos militares norte-americanos. Em troca, os EUA receberam permissão para uso militar de bases no Recife e em Natal.



# OS JUDEUS NO BRASIL DURANTE A GUERRA



Os anos da Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, foram vividos com angústia, devido aos acontecimentos na Europa e ao destino de familiares e amigos que estavam sendo perseguidos e mortos. As famílias que haviam se estabelecido no Brasil ouviam diariamente os programas de rádio que narravam o desenrolar das batalhas, esperavam ansiosamente cartas com notícias, mas o que chegava eram pedidos de salvação que não podiam ser atendidos.

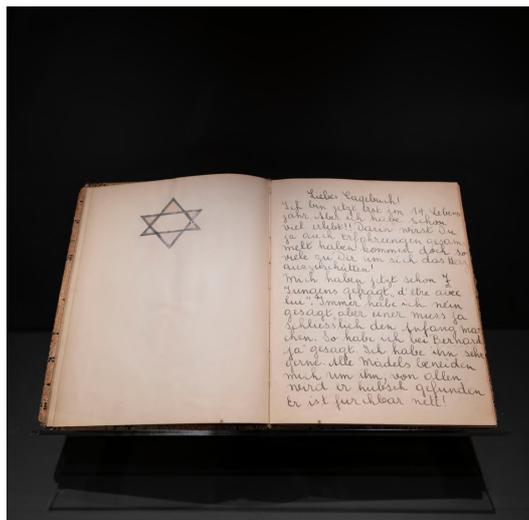
Além disso, os imigrantes estavam apreensivos com a política nacionalista e xenófoba do governo Vargas, que impôs restrições à imigração e decretou leis que impediam falar, ensinar e publicar em italiano, japonês, alemão e, por extensão, em iídiche.

O antissemitismo esteve presente em várias instâncias do governo, como no Ministério das Relações Exteriores. Sua mais grave consequência foram as circulares secretas que restringiram a imigração de judeus ao Brasil a partir de 1937, impedindo milhares de pessoas de entrar no país e se salvar, fugindo do nazismo.

Apesar das restrições, a comunidade judaica contou com liberdade religiosa e uma vida comunitária intensa durante aqueles anos. Criou novas entidades, sinagogas, manteve seu programa de rádio, continuou ensinando hebraico e iídiche nas escolas, porém enfrentou o clima de intimidação imposto pela polícia política. Também se engajou no esforço de guerra e fez campanha junto à Cruz Vermelha Brasileira para enviar mantimentos à Europa e às vítimas do Holocausto.



# HOLOCAUSTO



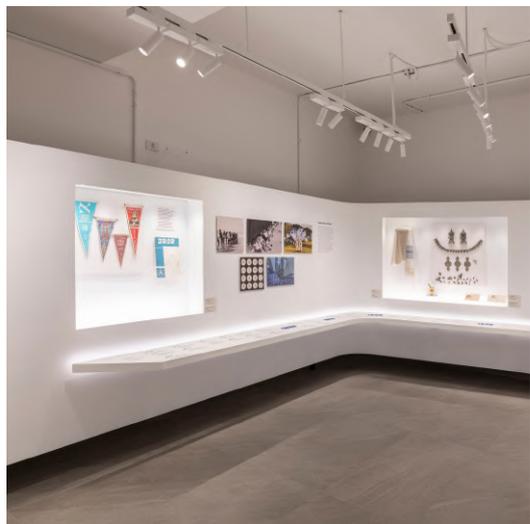
Humilhada pela derrota na Primeira Guerra Mundial (1914–1918), a Alemanha tentou recuperar sua posição no cenário político europeu. Seus planos de alcançar a supremacia mundial desembocaram na Segunda Guerra Mundial (1939–1945).

Os judeus foram apontados como os responsáveis pela trágica situação econômica no período. Teve início, em 1933, uma política de governo antissemita, que culminou com o Holocausto. Holocausto ou Shoá são os termos que denominam o genocídio de 6 milhões de judeus perpetrado pela Alemanha nazista e outros países europeus durante a Segunda Guerra Mundial. Cerca de um terço da população judaica mundial foi então destruída, colocando fim ao judaísmo na Europa Oriental e na Alemanha.

Entre outros grupos vitimados pelo nazismo estão: ciganos, homossexuais, Testemunhas de Jeová, opositores políticos, além daqueles que consideravam inferiores ou antissociais, como as pessoas com deficiência mental ou física que foram assassinadas no programa conhecido como “eutanásia”.

No pós-guerra, os crimes nazistas foram definidos como crimes contra toda a Humanidade, pois decidir que um povo inteiro não tinha o direito de existir e implementar um genocídio em massa é um ato que atenta contra a própria ideia de Humanidade.

## ANOS 1950 A 2000



A imigração continuou após a Segunda Guerra Mundial em menor número, se comparada aos anos entre as décadas de 1910 e 1930. São Paulo continuava a ser um polo que atraía não apenas imigrantes, mas migrantes de várias regiões do país.

Após a criação do Estado de Israel em 1948, a situação das comunidades judaicas dos países árabes tornou-se insustentável. A partir de 1956, com a Guerra de Suez, cerca de 2.500 judeus do Egito entraram no Brasil, e entre os anos 1950 e 1970, o Brasil passaria a receber imigrantes de países como Síria, Líbano e Israel.

Judeus da Hungria imigraram em 1956, em função da intensificação da repressão e da invasão soviética naquele país.

Em São Paulo, a partir dos anos 1960, a geografia da cidade se alterou de maneira significativa. Aos poucos, parcelas da comunidade deixaram bairros como Bom Retiro, Brás, Mooca, Lapa, Vila Mariana e Ipiranga, e se transferiram para Higienópolis, Pinheiros, Jardins, Morumbi, ampliando o eixo da vida judaica na cidade.

Em 1969, a população judaica no Brasil foi estimada em 140 mil pessoas: São Paulo (50 a 55 mil), Rio de Janeiro (50 mil), Porto Alegre (12 mil), Belo Horizonte (3 mil), Belém (2 mil), Recife (1,6 mil), Curitiba (1,3 mil) e Bahia (800), e comunidades menores em outros locais. Nas décadas seguintes, novas comunidades se organizaram em Fortaleza, Natal, Brasília, Macapá, Florianópolis e em outras cidades.

A partir das décadas de 1960 e 1970 foram criados em São Paulo a União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social (Unibes), a partir da fusão de entidades assistenciais já existentes, e o Hospital Israelita Albert Einstein. Em 1969, fundou-se o Centro de Estudos Judaicos na Universidade de São Paulo, e, em 1976, o Arquivo Histórico Judaico Brasileiro – atual Centro de Memória do Museu Judaico.

A tortura e o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, em 1975, em uma cela do DOI/CODI/II Exército, desencadeou reações à ditadura, entre elas um culto ecumênico na Catedral da Sé, com a presença de representantes de diversas religiões, celebrado por Dom Paulo Evaristo Arns, pelos rabinos Henry Sobel e Marcelo Rittner e pelo reverendo Jaime Wright. A iniciativa do rabino Sobel de recusar a versão oficial de suicídio garantiu o sepultamento regular de Herzog no Cemitério Israelita do Butantã. O caso Herzog tornou-se um marco na lenta volta à democracia, consolidada com as eleições diretas para presidente em 1989.

# ISRAEL



## O kibutz dos brasileiros

Localizado ao sul de Israel, o Kibutz Bror Chail, estabelecido em abril de 1948, tornou-se destino de muitos emigrantes brasileiros é símbolo do intercâmbio da cultura brasileira em Israel. Ele abriga o Museu Adoniran Barbosa, relembrando a época em que seus componentes emigraram para Israel. Os membros do kibutz reservam também um lugar especial para o martelo com que o diplomata brasileiro Osvaldo Aranha, então presidindo a ONU, selou a votação pela qual a Assembleia Geral designou a Partilha da Palestina (1947) em dois Estados, um judeu e um árabe.

## Um cineasta brasileiro em Israel: "Diário" de David e Perlov

Considerado o pioneiro do cinema moderno em Israel, o brasileiro David Perlov fez de seu diário cinematográfico filmado entre 1973 e 1983, uma obra maior do cinema israelense.



SÃO  
PAULO